

***“UMA JANELA PARA
O OITOCENTOS”:***

O SOLAR DOS MOREIRA LIMA

Escrito por:

Sônia Maria Gonçalves Siqueira
Historiadora, Mestre em Design, Tecnologia e
Inovação; professora do UNIFATEA.



“Todos nós temos nossas máquinas do tempo. Algumas nos levam para trás, são chamadas de memórias. Outras nos levam para frente, são chamadas de sonhos.”

Jeremy Irons

RESUMO: O texto narra um pouco da história do Solar dos Moreira Lima, uma das construções mais importantes, em estilo neoclássico, do Vale do Paraíba, e os esforços que se realizam para sua restauração e entrega à comunidade lorrainense.

Palavras-Chaves: Solar Conde de Moreira Lima-História; Solar Conde de Moreira Lima- arquitetura; Solar Conde de Moreira Lima-restauração;

Abstract: The text tells a little about the history of Solar dos Moreira Lima, one of the most important buildings, in neoclassical style, in the Paraíba Valley, and the efforts that are being made to restore it and hand it over to the Lorraine community.

Key words: Solar Conde de Moreira Lima-História; Solar Conde de Moreira Lima - architecture; Solar Conde de Moreira Lima - restoration

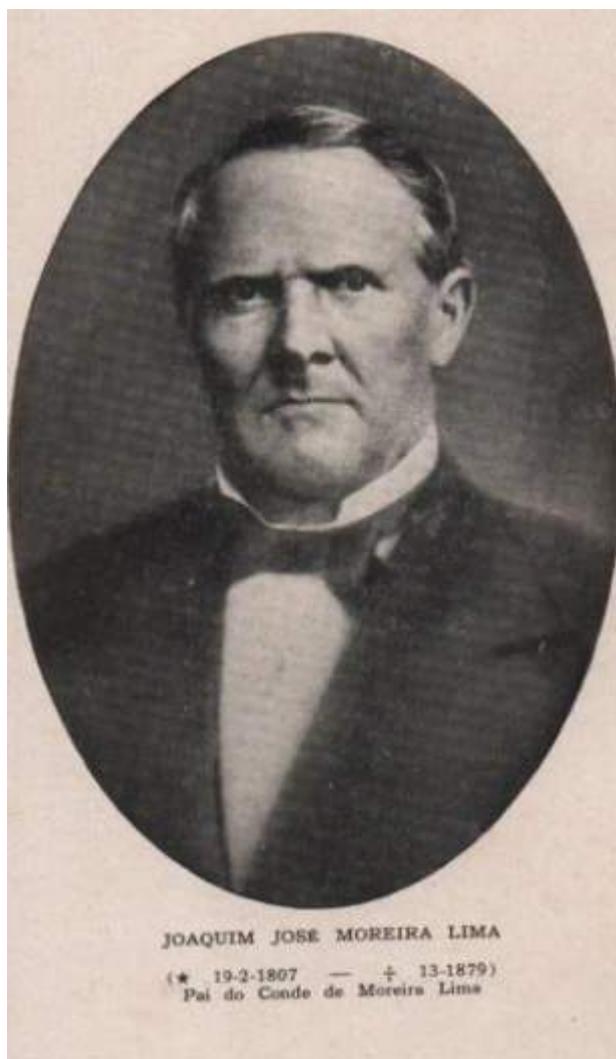
INTRODUÇÃO

A imponente edificação conhecida como Solar Conde de Moreira Lima, começou a ser construído em 1832 pelo rico comerciante português Joaquim José Moreira Lima (1807-1879), logo após seu casamento com Dona Carlota Leopoldina de Castro (1808-1882), filha e neta dos “fundadores” da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Piedade na esquina da rua Direita – atual Viscondessa de Castro Lima – com o Beco do Porto.



Apesar dos vastos cabedais, como “quem casa quer casa”, em 1831, já tendo dois filhos, e sabedor que a Câmara dos Vereadores abria uma quitanda próximo a seu lote, fez uma petição à referida Instituição pedindo a cessão de um terreno no mesmo beco que lhe permitisse construir uma casa – o atual palacete. De acordo com Gama Rodrigues (2006, p.46) Joaquim José Moreira Lima, negociante, casado e com prognóstico de grande família, segundo o princípio dela, achava-se totalmente “desarranchado” tendo comprado, dessa forma, um pequeno terreno no Beco do Porto. Entretanto, devido a sua pequenez achava que seria insuficiente para construir uma habitação adequada, solicitando aos vereadores

mais dez palmos de frente desse terreno, propriedade municipal, o que em nada prejudicaria o Público ou o Município. No dia 08 de julho de 1831, a Municipalidade despachou dando o terreno para o suplicante construir a casa com a condição de deixar o beco com a largura de 35 palmos.¹



A construção da residência de “seu Moreira” seguiu o modelo português: fachadas no limite do terreno com as vias públicas, deixando o máximo de área livre na parte interna do lote para o quintal, pomar, cavalariças e criação de animais. A casa foi construída na quina do terreno, com uma fachada voltada para o Beco do Porto, ao norte e outra voltada para o leste, na Rua Direita. Como não se construía casa de grande porte com entrada principal abrindo-se para um beco, tudo indica que a fachada principal se encontrava voltada ou para a Rua Direita ou para o lado oposto, ficando neste beco a entrada de serviço.

No decorrer do século XIX à medida que a fortuna de “Seu Moreira”, como era conhecido, crescia, bem como o número de filhos, o edifício passou por ampliações e alterações. Em 1848 nasceu a décima primeira e última filha do casal, Maria Lina. Os Moreira Lima possuíam naquele momento oito filhos vivos – três faleceram bebês. Não há menção, mas deve ter ocorrido uma ampliação interna na residência para acomodar família tão numerosa, sem alteração relevante na fachada exter-

na, a não ser as janelas que foram abertas, duas no pavimento inferior e duas portas balcão no pavimento superior voltadas para o Beco do Porto.



Em 1852, de acordo com documentos, a casa do “Seu Moreira” sofreu uma grande ampliação de área do terreno, além da união da área de serviço ao fundo do terreno ao corpo da casa.

Após 1862 Joaquim Moreira fez nova reforma no casarão para incluir seu “banco”. Assim, mandou edificar uma sólida construção em tijolos, com teto em trilhos de estrada de ferro intercalados com pequenas abóbodas de tijolos, janelas gradeadas, num dos lados, junto ao jardim interno e de peitoril alto à Rua Direita. A nova construção, de um só pavimento, apresenta estilo algo austero, procurando adequar-se à fachada neoclássica.

Em função do acréscimo descrito acima para a inclusão do “banco”, a casa recebeu algumas modificações: abertura de uma segunda porta na fachada leste, na Rua Direita, seguindo o mesmo estilo da porta principal, fechamento de pontos da casa para uso exclusivo dos proprietários e do “banco”, isolando-o do resto da residência e cômodos próximos com pisos de tábuas de madeira, assim como a sala com a grande porta lateral que dava aos proprietários acesso à escada que levava ao pavimento superior, que eram de uso dos proprietários – pai e filho Moreira Lima.



Foram ainda abertas duas varandas, uma voltada para um jardim interno na fachada sul e construção de uma varanda na parte posterior, na fachada oeste, sobre a qual, no pavimento superior, foi construída uma varanda de onde se descortinava a Serra da Mantiqueira e o rio Paraíba. Na varanda da fachada sul, onde se abria uma grande porta para o interior da casa, foi instalado um piso de ladrilhos formando um tapete, e na posterior, um piso que aparenta ser um dos mais antigos do solar.

Foi a última intervenção levada a termo pelo “Senhor Moreira”. No seu inventário, de 3 de março de 1879, a casa está descrita como “casa de sobrado à Rua Direita com puchado anexo, terreno e commodos pertencentes” (Motta Sobrinho, 1978, p. 180)

Em 1872 encontramos o solar da família Moreira Lima com menos moradores, sete de seus filhos se casaram nesse intervalo de 20 anos, ficando no casarão apenas o casal e o oitavo filho, Joaquim José Júnior.

No fim daquela década, entretanto, grandes alterações ocorreram na estrutura da família Moreira Lima. Em 13 de janeiro de 1879 seu Moreira faleceu; em 16 de agosto de 1879, sua mãe, Carlota Leopoldina, por suas obras de caridade e o quanto ajudou financeiramente a cidade de Lorena, foi agraciada com o título de Viscondessa de Castro Lima e, em 28 de outubro do mesmo ano, Joaquim José Moreira Lima Júnior, aos 37 anos, casou-se com Risoleta Leitão de Castro Lima, sua sobrinha, então com 18 anos, filha de seu irmão mais velho, o Barão Antônio Moreira Lima, em Lorena.



Desse modo teve início em 1880 uma grande reforma no solar, quando este recebeu várias modificações e ampliações, com acréscimos de detalhes neoclássicos como frisos e molduras. Foi feito um novo e imponente hall com escada, balaustrada, pedestais, estátuas e outros ornamentos em mármore de Carrara onde foi implantado um rico piso de tapete de ladrilhos hidráulicos.

O arquiteto e engenheiro Charles Peyranton também construiu uma nova cozinha e dois pavilhões em alvenaria, um para abrigar a esposa e as mucamas que a serviam e o outro voltado para o jardim interno, em estilo eclético com detalhes em enxaimel destinado a hospedar as pessoas ilustres que visitassem a cidade.

Enquanto o início das reformas do solar foi marcado pela morte do pai do Conde Moreira Lima, o final da reforma veio com outro triste acontecimento, em 8 de dezembro de 1882 faleceu sua mãe, Carlota Leopoldina, a Viscondessa de Castro Lima.

Em síntese, as reformas e ampliações transformaram o Solar Conde de Moreira Lima, deram-lhe a forma que conhecemos hoje: edifício assobradado, em estilo neoclássico, em taipa de pilão e alvenaria de tijolos de barro cozido, implantado em uma esquina, nos alinhamentos frontais do lote, a planta em "L", definindo a área de jardim no térreo; apresenta um grande terraço impermeabilizado sobre um trecho térreo do edifício – onde se localizava o "banco"; as fachadas com elementos ecléticos, trazem ainda na cobertura os beirais, típicos das construções mais antigas. Considerada uma das construções históricas mais belas de todo o Vale do Paraíba, a mais importante do município de Lorena, no século XIX apresenta grandes proporções e fino material de acabamento. A construção foi relevante não só para a história local como para a regional, por ter sido a residência do barão, visconde e conde de Moreira Lima, abrigando em três ocasiões a família imperial: D. Teresa Cristina, D. Pedro II, o Conde D'EU e a Princesa Isabel.



Numa delas, em novembro de 1884, a Princesa Isabel, registrou em seu diário as impressões sobre o Solar dos Moreira Lima

Residiam os Viscondes de Moreira Lima em uma casa de sobrado, situado no largo da Matriz. [...] O vestíbulo era todo de mármore de Carrara com duas belas colunas artísticas e arquitrave adornado de estátuas e floreiras de mármore branco. O salão de visitas de cujo teto pendia rico lustre de bronze dourado e cristal, com 32 velas, impressionava não só pela riqueza, como pelo gosto; os salões atapetados por tapete 'Aubusson' encomendado especialmente em Paris, reposteiros de seda amarela, espelhos, nas paredes os retratos da Condessa em rica moldura, o do Conde em corpo inteiro, os de seus pais, e grandes espelhos de cristal em moldura dourada, e mobília de jacarandá preto com aplicações de bronze. [...] [...] Sala de jantar de oito por dezessete metros, mobiliada com imponentes móveis de carvalho, uma mesa circundada por 48 cadeiras de alto espaldar torneado estilo renascença, apresentando motivos de caça e frutas, feitas por encomenda no Liceu de Artes e Ofícios de Paris. Todas as peças, inclusive o relógio, eram encimados por cabeça de gamo. Havia acomodação para 52 talheres, com louças e cristais. A porcelana "Pirkestein" e cristais mostravam o monograma 'M.L.', tudo em perfeita harmonia, guarnecidos de magnífico conjunto de prataria, compondo um conjunto do mais apurado gosto. Os quartos, com móveis de mogno, também de importação, se completavam por lençóis de cambraia de linho e rendas de crivo. Os dois quartos de banho que serviam ao apartamento principal eram providos de banheiras de mármore branco, escavadas num só bloco, iguais às do palácio de São Cristóvão. Água encanada abundante. Iluminação produzida por gás de hulha destilada em usina particular nas instalações próprias do palacete Moreira Lima. Famulagem numerosa e própria, onde trabalhavam 16 empregados, entre cozinheiros, copeiros, mucamas, cocheiros e demais serviços, contribuía para o conforto da hospedagem (DAUNT, 1957, p.52)

Ainda segundo o Diário da Princesa, ao abrir as janelas dos aposentos que lhe foram reservados, pôde observar o deslumbramento do painel da Mantiqueira, com seu pico de mais de mil metros de altitude, tendo a seus pés, deslizando, na planície, o rio Paraíba, cortado por vapores do Engenho Central,

apitando e fazendo garças brancas baterem as asas, em revoada para o azul.

Às 7 horas da noite foi servido um jantar para todos os convidados. Poucos titulares da região fizeram-se presentes no evento; dentre eles estavam os Viscondes da Palmeira, a Baronesa de Parraibuna, o Barão de Romeiro, a Viscondessa de Guaratinguetá, a Viscondessa de Pindamonhangaba e o chefe do Partido Liberal, dr. Manoel Marcondes de Moura e Costa (DAUNT, 1957, p. 52).



O solar passou a ser propriedade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia em 1926, quando da morte do Conde, abrigando sucessivamente o Instituto Santa Carlota, Escola Estadual Arnolfo de Azevedo, a seção Feminina da Faculdade Salesiana e o Sesi. A partir de 2020, tornou-se propriedade do Município de Lorena/SP sendo, nas últimas décadas, utilizado como sede da secretaria de cultura, conhecido como “casa da cultura” servindo de palco para inúmeras manifestações culturais, exposições, cursos, conferências, entre outros.

Apesar do apuro da construção, o sobrado não ficou imune ao tempo, as reformas e acréscimos inadequados, aos fungos, infiltrações etc., necessitando urgentemente de uma restauração que lhe devolva a grandiosidade, o brilho.

Há alguns anos a Fundação Olga de Sá, de direito privado, ligada ao UNIFATEA, de natureza beneficente, caráter assistencial e cultural, sem fins lucrativos com seus atos constitutivos devidamente registrados no cartório civil de pessoas jurídicas da comarca de Lorena/SP, abraçou o sonho de um “novo Solar” buscando à captação pelas leis de incentivo, para o restauro, ampliação e adaptação de uso ao edifício histórico “Solar Conde de Moreira Lima”

Assim, o “Solar Conde de Moreira Lima”, tombado pelo CONDEPHAATT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Artístico

do Estado de São Paulo, processo n.00526 de 10.10.1975, com área de 1.680,98 m² teve seu projeto de restauração aprovado pela Lei de Incentivo, Lei Rouanet, Artigo 18, que visa a restabelecer as características físicas e artísticas do edifício assobradado, o mais imponente da cidade de Lorena, e um dos mais importantes do Vale do Paraíba, no prazo previsto de vinte e quatro meses, por meio de uma obra completa, executiva e de restauro, com ampliação e adaptação do uso, preservando um patrimônio cultural e material que traz elementos relevantes em sua arquitetura e sua história.

PROPOSTA DE OCUPAÇÃO DO SOLAR CONDE DE MOREIRA LIMA

A ocupação do Solar Conde de Moreira Lima pela Casa da Cultura/ Secretaria da Cultura de Lorena, é uma realidade há várias décadas, atestando que esta é a melhor ocupação para dar continuidade à integridade física deste importante patrimônio histórico de Lorena e da região, insuflando-o com arte, alegria, beleza e cultura. O solar deve ser entendido como uma peça de importância museológica em si só, pois sua permanência no cenário urbano de Lorena lembra a todos um passado histórico que sobrevive em sua construção.



A ocupação proposta para este casarão consiste em dar melhores acomodações para as atividades que hoje já acontecem por ali:

1. Espaço museológico com a recriação da ambientação e atmosfera da casa em finais do século XIX, com mobiliário e objetos de época e a montagem de uma exposição de painéis contando sua história e fases construtivas;
2. Centro de informações turísticas;
3. Arquivo histórico aberto a pesquisadores;
4. Sala de exposição de artes plásticas para a divulgação de artistas locais e regionais;
5. Casa do Artesão – espaço para a divulgação e comercialização dos trabalhos de artesãos locais;
6. Auditório para concertos e eventos variados;

7. Auditório para apresentação de peças teatrais, palestras, simpósios, congressos e workshops;
8. Sala de conferências;
9. Sede do Projeto Guri;
10. Salas de aula de diversos temas;
11. Pequeno café e lanchonete;
12. Espaço para festas e comemorações de interesse da Prefeitura Municipal de Lorena;
13. Gabinete do Secretário de Cultura e Turismo de Lorena;
14. Sanitários para atender aos alunos e público visitante, com instalação para PNE;
15. Instalação de elevador que atenda as pessoas com necessidades;
16. Mudança da escada para seu ponto original, liberando a utilização de duas salas;
17. Construção de novas escadas no ponto extremo do conjunto, junto aos sanitários da ala de hóspedes;
18. Cinema – espaço para a divulgação de filmes de valor cultural e/ou “cult”;
19. Aproveitamento do grande quintal e pomar para criar um espaço de permanência ao ar livre.

Enfim, recuperar a integridade de um bem imóvel, patrimônio histórico do Estado de São Paulo, que é um símbolo da memória coletiva da cidade de Lorena, importante espaço social, proporcionará acesso à educação, história e cultura, bem significativo para a cidade e para a região

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo de. Aspectos de Lorena Imperial. Correio Paulistano, São Paulo, 26, junho de 1954

DAUNT, Ricardo Gumbleton. Diário da Princesa Isabel (excursão dos d'Eu à província de São Paulo em 1884). São Paulo: Ed. Anhembi, 1957.

EVANGELISTA. José Geraldo. Alguns aspectos de Lorena no ocaso do Império. Revista de História. s.l. v. 26, n. 54, p. 423-443, 1963. <https://core.ac.uk/download/pdf/268316128.pdf>

MOTTA SOBRINHO, Alves. A civilização do café (1820-1920). São Paulo: Brasiliense, 1967.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). Vida cotidiana em São Paulo no século XIX. São Paulo: Atelier editorial; UNESP Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

QUEIROZ, Carlota Pereira de. Vida e morte de um capitão-mor. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969.

ROGRIGUES, Antonio da Gama. O Conde de Moreira Lima. Lorena: Sociedade dos Amigos da Cultura de Lorena, 2006.

_____. Gens Lorenensis: do sertão de Guaypacaré à formosa cidade de Lorena. Lorena: Sociedade dos Amigos da Cultura de Lorena, 2006.

SIQUEIRA, Sônia Maria Gonçalves. Viscondessa de Castro Lima: caridade e poder na Lorena Oitocentista. (no prelo)

VIerno, Livia et al. Projeto de restauração do Solar Conde de Moreira Lima Lorena SP. Taubaté: Arquitetura Plena, 2019